

EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR NO BRASIL: ASPECTOS, HISTÓRIA E RELEVÂNCIA

Ana Clara de Sousa Leal ¹

RESUMO

O estudo tem como principal objetivo explicar sobre a educação em saúde sexual destacando o seu histórico na educação brasileira e a sua importância do ponto de vista preventivo. A pesquisa, de caráter exploratório e bibliográfico, foi realizada a partir da leitura e análise de textos – incluindo artigos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações – acerca dos temas que beiram essa temática. A partir do marco teórico utilizado, foi possível compreender a importância e a necessidade da educação sexual na prevenção de ISTs, de iniciação sexual e gravidez precoces e na identificação de abuso sexual infantil. Além disso, discutiu-se também sobre a sua trajetória dentro da educação bem como outros aspectos pertinentes. A presente pesquisa foi capaz de cumprir seu papel ao explicar a temática proposta inicialmente.

Palavras-chave: Educação Sexual, Educação em saúde, Prevenção.

INTRODUÇÃO

A educação sexual é uma das interfaces da educação em saúde, podendo contribuir, de forma eficaz, na prevenção de ISTs, gravidez precoce e abuso sexual. Conforme aponta o Ministério da Saúde, a educação em saúde consiste em um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que objetiva a apropriação temática pela população (BRASIL, 2006).

As práticas de educação em saúde mobilizam os profissionais de saúde e educação que valorizam a prevenção e as práticas curativas, os gestores que apoiem esses profissionais e a população que necessita construir seus conhecimentos e aumentar sua autonomia nos cuidados a nível individual e também coletivo (FALKENBERG, 2014).

A educação em saúde sexual, por sua vez, é um processo de natureza constante, podendo ocorrer de duas formas distintas: intencional e não intencional. O modo não intencional é evidenciado nas mensagens cotidianas de cada sociedade e/ou cultura, nos discursos familiares, religiosos, midiáticos e em comentários diversos enquanto o modo intencional consiste em um modo planejado e organizado cujo objetivo é informar sobre

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí- UFPI, anaclaraleal32@gmail.com;

a sexualidade (MAIA, 2014). Nessa perspectiva, a educação sexual de forma intencional configura-se como um processo educativo, tendo o objetivo de trazer conhecimento para o público-alvo em questão.

O processo de educação é bastante amplo, abrangente e complexo, compreendendo uma série de fases. Dentro dessa amplitude, que obrigatoriamente envolve o assumir uma série de atitudes, faz-se necessário que o educando também assuma comportamentos ligados à esfera da sexualidade, desempenhando um papel sexual. Educação Sexual seria, dentro desse amplo conceito, a parte do processo educativo, especificamente, voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade (ROCHA, p. 34, 2010).

Conforme Bonfim (2009), a educação sexual consiste em uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, sendo assim, é essencialmente uma forma de Educação. De acordo com Figueira (2020), ela é toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana que não envolve apenas conhecimentos relacionados a vida sexual, mas também sentimentos, emoções, valores e normas.

A educação em saúde sexual pode acontecer das mais diferentes formas e abordagens e em diferentes espaços como em ambulatórios, unidades básicas de saúde, empresas, universidades, escolas, entre outros. No entanto, de acordo com Maia e Ribeiro (2011), a escola é considerada o local mais adequado para acontecer tais práticas de educação em saúde, uma vez que é um espaço que começamos a frequentar muito cedo e, além disso, possui função social de transmitir saber historicamente acumulado da sua dimensão ético-política e da sua capacidade de propor reflexões.

(...) é uma área que tem recebido significativas contribuições de pesquisadores diligentes, sérios e dedicados para seu fortalecimento e consolidação, até porque, não é possível termos uma Educação inclusiva e integral, que abranja a formação de alunos e professores também em questões de cidadania e direitos humanos, sem que tenha entre seus pontos de debate e estudos, temas envolvendo sexualidade, gênero e diversidade sexual (MAIA & RIBEIRO, p. 83, 2011).

Ademais, é imprescindível que a sexualidade seja discutida o mais precoce possível, visto que é um assunto que normalmente gera muita polêmica e ideias contraditórias, contudo, discuti-la permite, desde cedo, que crianças e adolescentes cultivem hábitos saudáveis, esclareçam dúvidas e falem de questões pertinentes à sua própria saúde (ALMEIDA, 2008).

Sabe-se que a Educação Sexual é indispensável no processo de promoção de saúde do indivíduo. Contudo, fatores como crenças, valores morais e/ou religiosos, aspectos comunicacionais e a falta de formação dos profissionais dificultam a sua implantação e

efetividade (SOUSA et al., 2021). Além disso, o acesso ao sistema de saúde, a dificuldade dos profissionais de se relacionar com temas como sexualidade e a necessidade de reconhecimento da importância da formação sexual de crianças e adolescentes são barreiras desafiadoras na relação entre o público-alvo e os serviços de saúde (MINAYO & GUALHANO, 2015).

Diante o exposto, o presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre os aspectos que envolvem a educação em saúde sexual dentro do ambiente escolar, destacando a sua trajetória no país bem como a sua relevância do ponto de vista preventivo.

METODOLOGIA

Na presente pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, levantando conhecimentos a fim de analisar, produzir ou explicar o objeto investigado (GIANNASI-KAIMEN et al, 2008). Uma vez narrativa, a revisão se propõe a descrever e discutir o desenvolvimento de um assunto em particular, de maneira teórica ou contextual (ROTHER, 2007). Nesse sentido, buscou-se reunir informações sobre educação sexual através de referências anteriormente publicadas, como artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e dissertações disponíveis na íntegra que abordassem o tema apresentado no decorrer deste trabalho. Foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais sobre a evolução da educação em saúde sexual e sobre a sua importância destacando assim, o seu cunho preventivo.

A metodologia aplicada ao trabalho é a pesquisa exploratória. De acordo com GIL (2010), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Esse tipo de pesquisa pode envolver levantamento bibliográfico, no caso da presente pesquisa, e/ou entrevistas. Este tipo de pesquisa foi escolhido pelo fato de agregar maiores informações sobre o tema em questão, facilitando sua delimitação e gerando uma nova abordagem (ANDRADE, 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Histórico

As discussões diretas em relação à educação do sexo de crianças e adolescentes no Brasil tiveram início a partir da década de 1920. De acordo com Bassalo (1999), foi nesse

período que o debate em torno da temática educação sexual tomou corpo e surgiu uma variedade de títulos publicados, principalmente, sob a forma de traduções de estudos sobre sexualidade e psicanálise.

As discussões acerca da importância da educação sexual tomavam corpo, de tal modo que em julho de 1933 é criado o Círculo Brasileiro de Educação Sexual - CBES, no Rio de Janeiro com atuação ampla e intensa [...] O CBES desenvolveu uma campanha pela educação sexual com as mais variadas atividades, entre palestras, conferências, semanas de educação sexual, postos de atendimento gratuito sobre higiene e psicologia sexual [...] A educação sexual dos jovens, seria para o presidente do CBES, a forma mais eficaz para mudar o cenário de saúde do brasileiro, especialmente em relação à erradicação das doenças venéreas, especialmente a sífilis, consideradas um dos maiores flagelos sociais do país (BASSALO, 1999, p. 41).

Desde o ano de 1984, pesquisadores têm se dedicado a relatar e sistematizar as intervenções, publicações e eventos voltados para o encontro entre a sexualidade e a educação durante diferentes momentos históricos, e a primeira tentativa de incluir a educação sexual no currículo escolar ocorreu no ano de 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro (BUENO; RIBEIRO, 2018). Em 1938, Arthur Porto publicou o livro “Conselhos a escolares (sobre educação sexual)”, enfatizando nele que a educação sexual auxilia na construção de “moças” preparadas para sua “missão social” e proteger das “moléstias” e das “manobras dos perversos” (BASSALO, 1999). Nesse trecho, nota-se uma educação sexual construída para a prevenção de abusos sexuais.

O campo discursivo dos intelectuais brasileiros na área da educação sexual, nas primeiras décadas do século XX, teve como foco central o controle dos corpos, a partir do domínio da energia sexual e da normalização das relações entre homens e mulheres (OLIVEIRA, 2006). No entanto, as temáticas abordadas foram alteradas ao longo do século bem como a forma das abordagens utilizadas para educar sexualmente. Nas décadas de 1930 e 1940, houve a polêmica sobre favorecer ou não o acesso das meninas aos temas do sexualismo em que alguns autores defendiam a ideia de favorecer a mulher nesse processo enquanto outros a excluíram (OLIVEIRA, 2006).

A inclusão nos currículos de 1º e 2º graus só ganhou força a partir da década de 1970 com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira que regularizou a inclusão de programas de saúde e conteúdos voltados para a sexualidade no currículo escolar o que até então não eram oficialmente reconhecidos ou até mesmo permitidos nas escolas brasileiras (RUFINO, 2013). A partir da década de 1980, houve um aumento da abordagem de temas relacionados a sexualidade nos meios de comunicação social e nas escolas em virtude do aumento da proliferação das infecções sexualmente transmissíveis

(IST's) principalmente da AIDS e do crescente aumento de gravidez precoce (OLIVEIRA, 2006).

Desde o ano de 1995 o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação têm trabalhado em conjunto, reunindo esforços para que os temas de saúde sexual e saúde reprodutiva sejam trabalhados nas escolas do país. No decorrer dos anos, surgiram algumas barreiras no que tange a aplicação desses esforços.

A realidade mostra que, em diferentes momentos históricos, surgiram iniciativas bastante relevantes dentro do próprio sistema escolar, onde educadores tentaram a sedimentação de programas de educação sexual na escola dentro dos limites morais e preceitos teóricos de cada época. Professores, orientadores, diretores, gente da escola que tiveram suas iniciativas cerceadas, interrompidas, frustradas, punidas (profissionais pioneiros) traziam o compromisso com o coletivo da escola. No entanto, esses programas sempre foram esvaziados por mudanças políticas, intenções de redução de gastos, divergências administrativas; nada da consistência com a necessidade real e o compromisso de continuidade e aperfeiçoamento (OLIVEIRA, p. 23, 2006).

Relevância

A sexualidade é uma questão importante para o processo de desenvolvimento humano e é contínuo, atravessando toda existência e tendo desdobramentos significativos na produção da saúde de sujeitos e coletivos humanos (SOUSA et al., 2021). Como forma de explorar de forma saudável esse aspecto inerente à natureza humana, surgiu a educação sexual. Nesse sentido, ela tem o objetivo de promover a felicidade, ao preparar as pessoas para usarem de maneira responsável sua liberdade, sendo assim um agente de promoção da felicidade individual e também coletiva (ROCHA, 2010).

A educação sexual contribui diretamente no processo de autoconhecimento humano, auxiliando a criança e o adolescente a identificar possíveis casos de abuso sexual e diferenciar cada etapa do seu desenvolvimento sexual e reprodutivo. Levando em consideração a possibilidade da prevenção da violência sexual, entende-se que a educação para a sexualidade deve ser realizada ainda na educação Infantil, com o intuito de promover a reflexão com as crianças sobre a sexualidade, corpo e gênero (SPAZIANI, R; MAIA, 2015).

Conforme apontou Santos (2021), é de fundamental importância discutir, implantar e implementar a educação sexual na escola, informando massivamente sobre a necessidade de prevenção às ISTs. A realização de encontros com abordagens educativas envolvendo alunos possibilitam a conscientização desses jovens sobre a prevenção de ISTs/HIV, permitindo exercícios de autorreflexão sobre temáticas de interesse do

adolescente e favorecendo a satisfação das curiosidades e esclarecimento das dúvidas e dos anseios deles sobre os assuntos relacionados às ISTs/HIV e formas de preveni-las (SILVA et al., 2011). Além disso, a inclusão dessas temáticas preventivas tem como finalidade o posicionamento dos alunos diante das questões que interferem na vida privada e coletiva, superando a indiferença, agindo e intervindo de forma responsável (SANTOS, 2021).

A educação em saúde sexual também é fator importante na prevenção da gravidez precoce, problema de saúde pública mundial. O crescimento da ideia de liberação do comportamento social, em específico, o da sexualidade, contribui significativamente para o elevado aumento da gravidez no período da adolescência, devido ao desconhecimento sobre o próprio corpo enquanto função reprodutora, consequência da ausência de uma educação esclarecedora nos âmbitos familiar, escolar e social (BUENO, 2006).

De acordo com Tamietti e Castilho (1998), a elaboração de programas educativos e preventivos que estimulem e controlem a mudança de comportamento é extremamente importante. Nessa perspectiva, entende-se que a educação sexual no contexto escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, para que os educandos exerçam sua sexualidade com segurança, tranquilidade e plenitude, contribuindo, assim, para uma prática sexual saudável e responsável (GONZALEZ et al., 2015).

Além disso, cabe destacar o papel do diálogo no combate ao início precoce de vida sexual e reprodutiva. Conforme apontou Bueno (2006) em seus estudos, adolescentes cujas mães conversam sobre sexo possuem uma menor probabilidade de iniciar a atividade sexual de maneira precoce e engravidar.

Contudo, a educação sexual ainda é considerada polêmica e de difícil abordagem para os profissionais da saúde, educação, assistência e para as famílias (SOUSA, 2021). No âmbito familiar, muitas vezes, a discussão sobre a sexualidade pode ser ainda mais difícil. A vergonha, a timidez e a falta de preparo, fatores que dificultam o acesso à informação adequada sobre o tema, são os principais impeditivos para o diálogo sobre sexualidade entre pais e filho (BARBOSA, 2020).

Assim, diante do despreparo verificado por parte da família em lidar com as manifestações da sexualidade da criança, a escola assume também esse importante papel;

contudo, para que isso ocorra faz-se necessário investir na formação de professores (SANTOS, 2021) e na inclusão da temática nos conteúdos programáticos.

A educação sexual ou da sexualidade nas escolas devem estar inseridas nos projetos pedagógicos curriculares, fazendo parte deste documento os conteúdos programáticos que continuam sendo um dispositivo que pode estar sendo incluído entre as técnicas de controle e transformação dos riscos sexuais ocorridos por falta de informação científica, criteriosa e educativa (ROCHA, p. 49, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sexual representa um importante processo educativo de promoção de saúde e de responsabilidade individual e coletiva. A sua adequada efetivação implica diretamente na prevenção de uma vida sexual iniciada precocemente, de gravidez precoce e de contágio de ISTs a partir da apresentação de métodos contraceptivos. Além disso, a educação sexual também é ferramenta importante na prevenção e identificação de abuso sexual infantil visto que a toma conhecimento do seu corpo, da sua privacidade e do que é ou não permitido.

Ao longo do processo de implementação da educação sexual escolar, houveram diferentes mudanças quanto as temáticas discutidas, público alvo e abordagens utilizadas. É interessante destacar que tais aspectos foram amplamente influenciados por questões políticas, administrativas e sociais ao longo dos anos.

Além disso, nota-se uma dificuldade existente, por parte da sociedade em geral, em abordar assuntos relacionados a sexualidade. Isso acontece devido a questões como vergonha, timidez, crenças, valores morais e/ou religiosos, aspectos comunicacionais e falta de preparo da sociedade como um todo. Nessa perspectiva, a educação sexual escolar serve como ferramenta na efetivação de abordagem dessas temáticas.

Diante o exposto, faz-se necessária a formação adequada de profissionais, sobretudo professores, para que seja possível abordar de maneira coerente assuntos referentes à sexualidade com crianças e adolescentes. Tais ações devem acontecer em conjunto com a implementação dessas temáticas no conteúdo programático das escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C., H.; CENTA, M. de L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. Curitiba-PR.2008.
- ANDRADE, M. M. de. Como Preparar Trabalhos Para Cursos de Pós-graduação: Noções Práticas. São Paulo: Editora Atlas SA, 2000.
- BARBOSA, L. U. A metodologia da problematização como estratégia pedagógica para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade. 2020.
- BASSALO, L. de M. B. Os saberes em torno da educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil. 1999. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- BONFIM, C. R. de S. et al. Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades. 2009. Disponível <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251744/1/Bonfim_ClaudiaRamosdeSouza_D.pdf> Acesso em 22 de jul. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde. Brasília: MS; 2006.
- BUENO, G. M. Variáveis de risco para a gravidez na adolescência. Revista Latino Americana de Enfermagem. 2006.
- BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M. História Da Educação Sexual No Brasil: Apontamentos Para Reflexão. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 29, n. 49, 2018. Disponível em:<https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/download/41/42>. Acesso em 26 de jul. de 2021.
- FALKENBERG, M. B. et al. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 847-852, 2014.
- FIGUEIRA, J. R. Impacto da violência sexual em mulheres com disfunção sexual. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.2020. Disponível<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17145/tde-23082020-142115/publico/JULIANARIBEIROFIGUEIRA.pdf>> Acesso em 22 de jul. 2021
- GIANNASI-KAIMEN, M. J.; CHIARA, I. G. di; CARELI, A. E.; CRUZ, V. A. G. de. Normas de documentação aplicadas à área de saúde: um manual para uso dos requisitos uniformes do International committee of medical journal editors, ICMJE, Requisitos de Vancouver. Rio de Janeiro: E-papers; 2008.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONZALEZ, A. E.; MOLINA, G. T.; LUTTGES, D. C. Características e la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. *Revista Chilena de Obstrecia Gynecologica*, v. 80, n. 1, p. 24-32, 2015.

MAIA, A. C. B. **Sexualidade e Educação Sexual**. 2014. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf. Acesso em: 21 jul. 2021.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MINAYO, M. C. S.; GUALHANO, L Riscos Sociais e proteção à saúde dos adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva*, 20(1). 2015.

OLIVEIRA, C. M. S. de. Educação sexual na escola-concepções e práticas. 2006.

ROCHA, A. J. P. Educação sexual para adolescentes nas escolas. 2010.

ROTHER, E. D. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paul. enferm.*, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

RUFINO, C. B. et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. 2013. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/15793/5/Artigo%20-%20Camila%20Borges%20Rufino%20-%202013.pdf> Acesso em 26 jul. 2021.

SANTOS, L. F. dos. Estudo Sobre A Importância Da Educação Sexual Nas Escolas Como Prevenção Das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). 2021.

SILVA, K. L. D., MAIA, C. C., DIAS, F. L. A., VIEIRA, N. F. C., & PINHEIRO, P. N. D. C. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 607-611, 2011.

SOUSA, A. J. M.; ARAÚJO, M. M.; SOUSA, A. J. M.; ARAÚJO, P. M.; FIGUEIREDO, E. B. G. EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: um desafio possível. *Psicologia e Saúde em debate*. 2021.

SPAZIANI, R.; MAIA, A. Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras. 2015.

TAMIETTI M. B.; CASTILHO L. S.; PAIXÃO H. H. Educação em saúde bucal para adolescentes: inadequação de uma metodologia tradicional. *Arq.Odontol.* 1998 jan./jun.; 34(1):33-45.